

ECONOMIA: MODO DE COMER – UM ECONOMISTA VORAZ EXPLICA O MUNDO

Ha-Joon Chang, Tradução de Cássio de Arantes Leite . São Paulo: Porfolio-Penguin, 2025, 256 p.

Recebido em 22/07/2025

Aprovado em 30/09/2025

DOI: 10.69585/2595-6892.2025.1307

Fartura e escassez: uma crítica ao reformismo de Ha-Joon Chang

O pesquisador e economista Ha-Joon Chang tornou-se notável no cenário da Economia Política Internacional por diversas obras de cunho heterodoxo, do que é chamado de “novo desenvolvimentismo”, de críticas ao liberalismo e ao livre mercado. Sua obra mais célebre, *Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*, é peça fundamental no campo econômico heterodoxo desde o lançamento. Em sua nova obra, *Economia: Modo de comer*, publicada no Brasil em abril, o autor retorna às bases de seu pensamento para introduzir e sistematizar todos os seus anos de pesquisa, focando em maior acessibilidade e refino de sua tese.

A introdução apresenta o novo modelo de estrutura, que difere das demais obras de sua bibliografia: agora com capítulos mais numerosos e curtos, baseados em diversas *commodities* e produtos mundialmente comercializados, o autor estrutura cinco blocos temáticos, fundamentando as bases históricas que formaram o mercado internacional moderno, acertos e equívocos de análise das correntes mais prevalentes na discussão da EPI e perspectivas para o futuro.

No primeiro capítulo, nomeado de “Alho”, o autor explora uma anedota de sua vida pessoal relacionada à impopularidade do alho (especialmente principal em seu país de nascimento) no Reino Unido, onde realizou

JOÃO PEDRO PROVESI DOS SANTOS

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí (SC).

Email: joaoprovesi@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8778-2102>

sua pós-graduação. Enquanto estudava, no final dos anos 70, as práticas locais passaram por mudanças, com uma grande abertura cultural e econômica incentivada pela implementação de políticas neoliberais do governo Thatcher, e por diversos outros governos nos anos seguintes. Embora a culinária tenha se enriquecido, o autor percebeu uma tendência de empobrecimento no debate econômico, que até os anos 70 era aquecido, descrevendo a criação de um “buraco negro” – a escola neoclássica, então, consolidava-se como único item no “cardápio” (p. 20-21).

Por consequência, diversos capítulos respondem diretamente aos estudos econômicos que se tornaram lugar-comum na discussão econômica moderna, seguindo a ideia neoliberal de “única alternativa” e de “superioridade técnica indiscutível”. A relação da economia regional com a história e os atores políticos que a marcaram é estabelecida desde o século XV e as Grandes Navegações, criando uma rota mercantil escravocrata com regiões do atual Terceiro Mundo. No capítulo “Quiabo”, o autor elabora como, embora o comércio de escravos seja algo do passado, tais nações ainda possuem uma relação de dependência, com mão de obra cativa do comércio agroexportador. Apesar das lutas estruturais históricas terem conquistado aos trabalhadores de tais nações maiores direitos, delimitando assim a exploração da classe dominante, o autor aponta tal situação como uma das contradições fundantes do atual “livre mercado”. A liberdade, assim, está constantemente em disputa, sempre sendo questionada quando tal opção oferece ganho monetário aos patrocinadores do Estado.

O autor é adepto da teoria da indústria nascente, argumentando que o amadurecimento de empresas nacionais só é possível sob proteção contra a concorrência internacional. No capítulo “Camarão”, é adotado o exemplo da Hyundai, sul-coreana, que se tornou participante do mercado internacional via subsídios massivos estatais por anos. No capítulo “Macarrão”, porém, são discutidas as contradições de tal modelo. A construção do atual

conglomerado global se deu sobre superexploração diária e repressão de sindicatos, e sua internacionalização gerou o mesmo efeito em países como Índia e México. Assim, o protecionismo desenvolvimentista, no melhor dos casos, serve não como solução, mas como redirecionamento da exploração para outras periferias.

A crítica de Chang também adentra os campos que o cálculo econômico neoliberal deliberadamente ignora. O capítulo “Coco” desmonta o mito da “preguiça tropical”, argumentando que a pobreza de países de Terceiro Mundo (usando-se, como exemplo, os exportadores de coco) não se deve à indolência da população, mas à infraestrutura precária, à relação de dependência comercial estabelecida e à herança colonial. Um dos exemplos levantados, Bangladesh, possui média de 56 horas de trabalho por semana, e os compradores das *commodities* exportadas (países europeus) têm 40h/semana como média. A mesma lógica de análise aparece em “Pimenta”, que critica o uso do PIB como métrica única para o desenvolvimento dos Estados, desconsiderando fatores como o trabalho de cuidado não remunerado, majoritariamente feminino. A subvalorização deste trabalho e de outras “ocupações essenciais” expõe uma das críticas centrais de Chang ao capitalismo moderno: sua lógica não é a de “uma pessoa, um voto”, mas a de “um dólar, um voto.”

No capítulo “Especiarias”, Chang discute a financeirização, vista pelo senso comum liberal como o principal motor para o desenvolvimento de novas tecnologias produtivas. É traçado um paralelo centenário com os altos aportes do comércio marítimo de especiarias através dos séculos XVI e XVII, sua relação direta com os aportes ao financiamento da Revolução Industrial e as atuais empresas de fundos de investimento que ocupam esse papel de “motor histórico de progresso”. Aqui, porém, o valor do acionista, com dividendos e recompras de ações em curto prazo, drena diretamente recursos que poderiam ser destinados a investimentos estruturais. Existe um sufocamento do que o autor chama de “economia real” em prol de

especulação para acionistas privados. Os efeitos são os mais diversos, desde a estagnação de investimento em pesquisa e desenvolvimento, comprometendo as inovações futuras, até a normalização da liquidação de empresas (e seus funcionários) como mero recurso a ser descartado.

Entretanto, mesmo com referências e diversas citações a autores marxistas, a posição de Chang deixa claro seu alinhamento com a manutenção do capitalismo como sistema e da total falta de perspectiva de mudança. As soluções para a questão dos acionistas propostas são paliativas, como um sistema de “voto por tempo de posse do ativo”. Não é questionada a lógica da força motriz de um país depender do capital corporativo que, no cenário atual, muitas vezes é estrangeiro. O capítulo “Quiabo” tem uma passagem que demonstra a limitação da crítica proposta: “Só quando compreendermos melhor as complexidades dessa relação começaremos a compreender como fazer do capitalismo um sistema mais humano” (p. 50). Nas questões que tratam ativamente dos problemas atuais derivados de tal relação histórica, como as heranças coloniais, o autor não tem a leitura de que a narrativa é alimentada pela burguesia nacional de cada um dos países subdesenvolvidos. Ademais, embora o autor elabore bem um histórico geográfico diverso e esquematizado, não há o mesmo estudo sobre a produção ideológica que fundamenta e justifica todas as questões chave do imperialismo neoliberal sobre a população. Ao evitar o estudo das implicações que estas produzem, observa-se um estudo limitado apenas aos sintomas, e não às raízes causais.

Além disso, em capítulos que abordam como o cálculo econômico moderno tem viés, as menções a divisões de classe são escassas, abordando por notas de rodapé as diferenças de trabalho social experimentadas por mulheres periféricas e imigrantes, por exemplo. A análise de Chang, por vezes, trata a ideologia neoliberal como um fenômeno intelectual quase autônomo, sem aprofundar sua origem como produto direto das necessidades materiais do capital em sua fase monopolista e financeira. Embora a principal crítica

da obra seja sobre a esterilização que a ortodoxia neoliberal proporcionou nas discussões acadêmicas, a obra, como convite para o consumo crítico da economia como ato político, incorre no risco de, ao não aprofundar-se em soluções concretas e profundas para os problemas analisados, tornar-se apenas mercadoria na roda neoliberal. Existe, nesta última, um processo de comercialização de obras heterodoxas, que oferecem críticas ao sistema, sem visão de alternativas.

Ainda assim, a esquematização de diversas questões históricas dos mais diversos países em capítulos curtos e correlacionados torna a estrutura do livro muito flexível. No seu encerramento, Chang aborda como o livro, como peça de entrada, tem o objetivo de instigar as mais diversas discussões num mundo onde a discussão econômica foi, essencialmente, morta pelo neoliberalismo. Embora sua visão seja institucionalista e não tenha uma finalidade radical, é possível utilizá-la, assim como sua obra *Chutando a escada*, como base para estudos que busquem tal finalidade. A própria abordagem do autor sobre as experiências socialistas históricas é propositalmente vaga e deixa muito espaço para discussão, como um pacto silencioso com a finalidade maior de reintroduzir a discussão que o neoliberalismo havia enterado no campo de “não-assunto”.

Em suma, *Economia: Modo de comer* cumpre sua premissa de ser um guia esquematizado acessível da economia política contemporânea. Contudo, seu maior mérito é também seu maior risco. Embora apresente um diagnóstico contundente dos males do capitalismo com análise histórica acertada, concentrando-se no estudo da divisão internacional do trabalho, não são apontadas divisões de classe e alternativas que transcendam tal sistema. Podemos remeter à crítica de Rosa Luxemburgo ao reformismo, que se faz mais atual do que nunca. Para a revolucionária, as reformas são apenas um meio de reação à luta de classes, não um fim. A visão de Chang, da busca por um “capitalismo mais humano”, enquadra-se precisamente no campo que Luxemburgo advertia

ser insuficiente para emancipar a classe trabalhadora das contradições inerentes ao capital. Assim, a obra deve ser considerada não como cartão-resposta, com soluções prontas, mas como um mapa detalhado do terreno sobre o qual a disputa por uma transformação verdadeira – e não apenas mais palatável e mercadologicamente viável para o mercado editorial – ainda precisa ser travada.

Referências

CHANG, Ha-Joon. *Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. 1.^a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?* Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Expressão Popular, 2019